

# Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas

Rui Maia Diamantino  
(Organizador)



 **Atena**  
Editora

Ano 2019

# Conhecimento e Diversidade em Psicologia: Abordagens Teóricas e Empíricas

Rui Maia Diamantino  
(Organizador)



 **Atena**  
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C749	Conhecimento e diversidade em psicologia [recurso eletrônico] : abordagens teóricas e empíricas / Organizador Rui Maia Diamantino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF. Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-732-1 DOI 10.22533/at.ed.321192319  1. Psicologia – Pesquisa – Brasil. I. Diamantino, Rui Maia.  CDD 150
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior   CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Esta publicação apresenta a diversidade da Psicologia não somente quanto ao objeto de interesses de pesquisa como, também, nas abordagens que embasam as investigações. Nesse sentido, a filosofia heideggeriana comparece com colaborações diversas tais como a filosofia em si e as questões contemporâneas articuladas ao âmbito do trabalho nas organizações. Quanto a estas, a discussão sobre o diagnóstico organizacional, presente em um dos estudos, faz o contraponto com o olhar fenomenológico, enriquecendo a discussão sobre a natureza do trabalho.

Verifica-se, também, a busca de embasamento em Piaget e Kohlberg, cada qual na sua perspectiva em torno do desenvolvimento moral. Visa-se, com isso, discutir aspectos da educação, sendo que, de Piaget e seus princípios da formação do pensamento, propõe-se uma discussão sobre o objeto abstrato da matemática.

A avaliação psicológica também é tratada aqui no campo do comportamento da estética cirúrgica buscando uma interface com a Medicina, qual seja, os aspectos psicológicos que estão implicados nos processos de mudanças da imagem corporal e a necessidade de avaliação prévia e *a posteriori* dos possíveis efeitos dos procedimentos cirúrgicos. Esse é um tema bastante atual e que abrange uma esfera multidisciplinar.

O estudo da infância e das políticas públicas também comparecem neste volume, propondo contribuições para a sociedade e a cidadania desde os anos iniciais dos indivíduos, centradas na importância do brincar (que é coisa muito séria na Psicologia). A Psicologia na educação é aqui considerada como capaz de produzir potência nos ambientes onde se processa o aprendizado, respeitando a condição da criança em seu desenvolvimento físico e mental.

A atuação hospitalar, vista como meio de atendimento humanizado e não apenas centrada no modelo biomédico, ou seja, visando os sintomas do corpo como indicativo de adoecimento, é discutida sob o ponto de vista de duas experiências que mostram a importância da subjetividade no campo do acolhimento em saúde. Em ambos os relatos, o atendimento hospitalar vai além do ponto de vista fisiológico da demanda hospitalar para focar as lentes sobre o sujeito que sofre, sobretudo psiquicamente.

Finalmente, destaca-se a contribuição sobre o conceito e a representação em ciência por estudantes que iniciam sua vida universitária, experiência colhida na Universidade de Buenos Aires. Trata-se de uma substancial discussão que traz aportes diversos e cotejos de caráter epistemológico a partir da questão sobre o que afinal, é ciência.

Com esta diversidade de temas, reafirma-se o caráter amplo da Psicologia, sua abrangência de saberes e práticas. Que essa diversidade possa ser de proveito ao leitor e à leitora deste volume.

Bons estudos, boa leitura!

Rui Maia Diamantino

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
COMPREENSÕES SOBRE O INFINITO MATEMÁTICO	
Cristina Cavalli Bertolucci	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923191</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
DEL CAMBIO CONCEPTUAL A LA RE-ESTRUCTURACIÓN REPRESENTACIONAL: ESTUDIO DE CASO A PARTIR DE LA NOCIÓN DE CIENCIA QUE POSEEN LOS INGRESANTES A LA UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES	
Mariela Genovesi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923192</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
EXISTÊNCIA E FINITUDE DA MORTE COMO HORIZONTE DE SINGULARIZAÇÃO À TÉCNICA COMO FIM DO TEMPO	
Paulo Victor Rodrigues da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923193</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA E A DES-MEDIDA DO TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE	
Elina Eunice Montechiari Pietrani	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923194</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
MUDANÇAS DO COMPORTAMENTO EMPRESARIAL ATRAVÉS DO DIAGNÓSTICO ORGANIZACIONAL	
Diana Sara Soligo	
Jaqueline Paholski	
Jaqueline Samara Oliveira Alba	
Juliana Antônia Partichelli Santin	
Cristina Ribas Teixeira	
Nadine Teixeira Piloni Fabiani	
Patrícia Di Francesco Longo	
Gisele Maria Tonin da Costa	
Lisiane Borges da Silva	
Antoniéle Carla Stephanus Flores	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923195</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>60</b>
O BRINCAR NA PRIMEIRA INFÂNCIA E A SUA GARANTIA EM POLÍTICAS PÚBLICAS	
Caroline Marques da Silva	
Roseli Fernandes Lins Caldas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923196</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>75</b>
AMBIENTE SOCIO MORAL E A CONSTRUÇÃO DA MORALIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Heloisa Braga Santos Ana Cláudia Saladini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923197</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>87</b>
A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM PACIENTES DE CIRURGIAS PLÁSTICAS: ESTUDO EXPLORATÓRIO COM PROFISSIONAIS DA ÁREA	
Gabriela Carolina de Assis Rodrigues Sandra Fernandes de Amorim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923198</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>110</b>
PSICOLOGIA DA SAÚDE: O ACOLHIMENTO HUMANIZADO NA SALA DE OBSERVAÇÃO DE UMA UNIDADE PRÉ-HOSPITALAR	
Cali Rodrigues de Freitas Cybele Carolina Moretto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3211923199</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>124</b>
EMERGÊNCIA PSIQUIÁTRICA: AS DIFERENÇAS ENTRE URGÊNCIA MÉDICA E URGÊNCIA SUBJETIVA	
Priscila Borges Lyons Rui Maia Diamantino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32119231910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>136</b>
TERAPIA PERIPATÉTICA DE GRUPO: UMA SITUAÇÃO CLÍNICA	
Demétrius Alves de França	
<b>DOI 10.22533/at.ed.32119231911</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>139</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>140</b>

## AMBIENTE SOCIO MORAL E A CONSTRUÇÃO DA MORALIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**Heloisa Braga Santos**

Escola Profissional e Social do Menor de Londrina  
Londrina - Paraná

**Ana Cláudia Saladini**

Universidade Estadual de Londrina  
Londrina - Paraná

**RESUMO:** Historicamente a Educação Física foi vista como a disciplina responsável por “cuidar” do desenvolvimento moral, pois era espaço para que os estudantes praticassem jogos recreativos e/ou esportivos. Entendia-se que ao respeitar aquelas regras a formação moral para a vida social estaria garantida. Entre outros fatores, a maneira como o ambiente das aulas é organizado, influencia esse desenvolvimento. Para esta discussão elaboramos o seguinte problema: como o ambiente sócio moral presente nas aulas de Educação Física pode contribuir e/ou influenciar no desenvolvimento da moralidade dos alunos? Este artigo é fruto de uma pesquisa de campo que teve como procedimento a observação não participante, acompanhamos quatro aulas consecutivas de três professores de Educação Física atuantes no Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). O objetivo geral foi identificar quais as influências do ambiente sócio moral das aulas de Educação Física no desenvolvimento da moralidade dos alunos. Para tanto, apresentamos os dois

tipos de ambiente sócio moral: autocrático e democrático. Os resultados mostraram, na ação de um dos professores, elementos característicos de um ambiente autocrático, pois predominou o respeito unilateral, heteronomia, coerção e autoritarismo. Nas aulas dos outros dois professores, prevaleceram ações que caracterizam o ambiente democrático, ou seja, oportunidades de autonomia, respeito mútuo, cooperação e reciprocidade. Concluímos que o ambiente sócio moral democrático nas aulas de Educação Física, poderá contribuir para o desenvolvimento da moral autônoma, sendo para isso necessário que os(as) professores(as) tenham conhecimento sobre esta temática em sua formação inicial e continuada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Desenvolvimento Moral; Ambientes Sócio-Morais; Aulas de Educação Física.

### SOCIO-MORAL ENVIRONMENT AND THE CONSTRUCTION OF MORALITY IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

**ABSTRACT:** Historically physical education was seen as the discipline responsible for “take care” of moral development, as it was space for students to engage in recreational and/or sports games. In the conception of many, respecting the rules of these games alone would guarantee them a moral formation

for the rest of their lives. Today, we know that physical education plays an important and significant role in the formation of students, like any other discipline, but we also know that only respect the rules of a game (whatever) does not guarantee that these students develop morally. Among other factors, the way the classroom environment is organized influences this development. This article is the result of a field research that had as a procedure the non-participating observation, in which followed four consecutive classes of three physical education teachers active in elementary school (1st to 5th year). The general objective was to identify the influences of the social and moral environment of the physical education classes in the development of the students' morality. To this end, we started from the characterization of the two types of socio-moral environment: autocratic and democratic. In our results we observed that in an environment predominant actions of unilateral respect, heteronomy, coercion and authoritarianism, elements that characterize the autocratic environment. While in the other two environments observed, actions of autonomy, mutual respect, cooperation and reciprocity prevailed, elements that characterize the democratic environment. Thus, we conclude that in any process, the change and the search for autonomy is something to be built, day after day.

**KEYWORDS:** Moral Development; Socio-Moral Environments; Physical Education Classes.

## 1 | INTRODUÇÃO

A preocupação com os aspectos morais do desenvolvimento humano está presente em diversos âmbitos da sociedade, entre eles, na escola. Para contribuir para o desenvolvimento humano, torna-se necessário compreender a relação entre a ação da escola/professores e o desenvolvimento moral dos estudantes. A partir dessa preocupação elaboramos o seguinte problema: como o ambiente sócio moral presente nas aulas de Educação Física pode contribuir e/ou influenciar no desenvolvimento da moralidade dos alunos? Para tanto, nosso objetivo geral foi identificar quais são as influências do ambiente sócio moral das aulas de Educação Física no desenvolvimento da moralidade dos alunos. E os objetivos específicos: identificar os diferentes ambientes sócio-morais presentes na escola e como eles são organizados para, posteriormente, analisar as relações entre eles e o desenvolvimento e/ou construção da moralidade dos alunos. Afirmamos aqui que “o ambiente sócio moral é toda a rede de relações interpessoais que forma a experiência da criança na escola.” (DE VRIES; ZAN, 1998, p.31). Assim, a partir dos estudos de Vinha (2003) podemos organizá-los didaticamente em ambientes autocrático e democrático. Neste, a convivência se dá a partir da reciprocidade, do entendimento de diferentes pontos de vista e da participação ativa dos sujeitos na elaboração das regras, por exemplo. O ambiente autocrático caracteriza-se por um “bom comportamento” a partir de um controle externo. Neste ambiente prevalece o autoritarismo, a imposição de regras abusivas, sanções e muitas vezes, ameaças.

Conhecer sobre a organização do desenvolvimento moral possibilita aos professores uma práxis que de fato contribua para o desenvolvimento humano. Jean Piaget (1932), Kohlberg (1972) e La Taille (2010), nos mostram que a moralidade é construída por meio das inter-relações entre o sujeito e o meio social. Assim, a escola deve refletir sobre a qualidade das relações sociais presentes em seu cotidiano, especificamente neste trabalho, nas aulas de Educação Física. Não se trata de tarefa exclusiva do professor; outros agentes vinculados ao meio escolar (gestores, colaboradores, pais e os próprios alunos) precisam compreender a importância destas questões.

## 2 | DESENVOLVIMENTO

Ao longo de sua história, a Educação escolar brasileira passou por mudanças e reestruturações significativas, tendo em vista o cenário político, econômico e social de nosso país e também o contexto internacional. As concepções de escola, de ensino e aprendizagem, de sociedade e de sujeito que nela estão inseridas, foram ao longo do tempo repensadas fomentando novas concepções de formação do ser humano em sua totalidade.

Na atualidade, pesquisadores como Freire (1980) e Libâneo (1994), entre outros, defendem uma visão de educação como processo de formação humana, que permita um desenvolvimento da personalidade social e pessoal dos indivíduos que estão vinculados a ela. Este processo de humanização parte do pressuposto que o ser humano é um ser inacabado, em constante aprendizado. A educação é essencialmente humanizadora, pois é nas relações sociais que aprendemos linguagens, culturas, condutas e valores, ou seja, aprendemos a condição humana. A escola deve promover em suas práticas pedagógicas de cada componente curricular essa formação junto aos nossos estudantes, visando a sua autonomia. Sendo assim, a Educação Física está diretamente relacionada ao processo de construção, sistematização e ensino de conhecimentos relevantes e significativos a respeito da motricidade humana para a formação de cidadãos.

Historicamente esta disciplina foi responsável em inculcar nos sujeitos valores como a disciplina, a força e a resistência para atuarem ou no chão das fábricas, ou no campo de batalhas ou nas quadras/campos esportivos. Atualmente a Educação Física deverá ocupar-se em organizar situações de ensino e de aprendizagem que contribuam para que os estudantes possam construir e compreender a sua motricidade. Para isso, considera o movimento humano em seus aspectos políticos, sociais, psicológicos, entre outros, ampliando a nossa compreensão do ser humano que se movimenta e apropria-se do mundo, construindo-o e construindo-se. (SALADINI, 2006)

Considerando o cotidiano escolar, em especial as aulas de Educação Física, faz-se necessário uma reflexão sobre a qualidade das relações sociais que são

estabelecidas nestas aulas. Os professores (independente da área em que atuem) precisam conhecer os mecanismos do desenvolvimento moral para que possam intervir de maneira adequada, propondo um ambiente propício para a aprendizagem a fim de contribuir para que a escola cumpra seu papel de formar o cidadão.

Para Piaget (1932) e Kohlberg (1972), a moral está relacionada às estruturas lógicas do pensamento construídas pelos sujeitos. Sendo assim, “Toda moral consiste num conjunto de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras” (PIAGET, 1994, p. 23). Seus estudos nos mostram que o desenvolvimento moral organiza-se tendo em vista três tendências: anomia (pré-moral), heteronomia e autonomia que se estruturam simultaneamente com os estágios do desenvolvimento cognitivo.

A anomia é considerada pelo autor como pré-moral, pois a criança ainda não adentrou no campo moral propriamente dito, ou seja, há uma ausência total das regras. Portanto, não sabe o que é ou não adequado fazer. Esse período prevalece até aproximadamente 2 anos de idade. Já a heteronomia é caracterizada pelo respeito indiscutível por uma autoridade maior e externa ao sujeito. No pensamento heterônomo o sujeito não consegue compreender pontos de vistas distintos e divergentes dos seus e possui um sentimento de obrigatoriedade em respeitar a regra que emana das pessoas que representam a autoridade. Prevalece a coerção e o respeito unilateral do indivíduo. “A criança pequena ainda não compreende o sentido das regras, mas as obedece porque respeita a fonte delas (os pais e as pessoas significativas para ela).” (VINHA e TOGNETTA, 2009. p. 528).

As relações de coação na heteronomia podem ser consideradas a partir de duas vertentes: a primeira é quando a heteronomia é vista como um problema ou impedimento/cerceamento para a finalidade do desenvolvimento moral, que é a autonomia. Quando as relações sociais priorizam a coerção e o respeito unilateral, a conquista de uma moral autônoma fica prejudicada. A segunda vertente é quando essa tendência é tratada como uma necessidade que o sujeito tem de ser governado por alguém. A criança necessita dessas relações para adentrar no mundo da moral; é preciso que uma autoridade externa a liberte para suas ações. Em outras palavras, a heteronomia é a porta de entrada para uma condição autônoma e emancipada do sujeito.

A autonomia pode ser considerada como a meta do desenvolvimento moral. É caracterizada pelas relações de cooperação, fundamentadas em relações sociais nas quais predomina o respeito mútuo. O sujeito conhece as regras e as compreende a partir de uma descentração, ou seja, ele tende a compreender diferentes pontos de vista e supera esta obediência pautada na coerção (heteronomia) e suas ações são pautadas na reciprocidade. Nesta tendência, a regulação das ações do sujeito está internalizado e a obediência as regras não é mais dada a partir do olhar de um adulto, mas de si mesmo, ou seja, “[...] a fonte das regras não está mais nos outros, na comunidade ou em uma autoridade (como na moral heterônoma), mas no próprio

indivíduo (auto regulação)” (VINHA e TOGNETTA, 2009. p. 529).

Assim, diante das relações sociais consolidadas entre professores e estudantes, torna-se evidente as atitudes/intervenções que, podem tanto promover como retardar o desenvolvimento dos alunos. (DE VRIES; ZAN, 1998). Para compreendermos melhor a relação com o desenvolvimento moral dos alunos, é necessário refletirmos sobre a organização do ambiente sócio moral que prevalece nas escolas, em especial, nas aulas de Educação Física e como estes ambientes estão relacionados com as tendências do desenvolvimento moral apresentados acima.

O ambiente denominado autocrático refere-se ao “bom comportamento” do aluno, mas a partir de um controle externo, ou seja, a regulação da ação é garantida por algum elemento exterior ao sujeito como é o caso dos pais, professores e polícia, por exemplo ou objetos como as câmeras de vídeo. Prevalece o autoritarismo, a imposição de regras abusivas e, muitas vezes, desnecessárias. Os estudantes respeitam as regras por imposição e/ou por medo de futuras punições, não compreendendo a importância das mesmas para regular as relações sociais, potencializando uma ação heterônoma. Assim “uma postura autoritária pode ser eficiente na instalação da moral heterônoma, mas não oferece condições para preparar a criança para a superação da heteronomia em direção à autonomia.” (VINHA e TOGNETTA. 2006. p, 5).

O desejo de formar para a autonomia requer que os professores elaborem estratégias de ensino e priorizem um ambiente democrático no qual os alunos fazem parte do processo de construção e elaboração das regras e se relacionem a partir da reciprocidade, valorizando o respeito mútuo. Neste cenário o desafio para os docentes é organizar situações de ensino e de aprendizagem que mobilizem cada criança, considerando inicialmente o comportamento heterônomo geralmente característico entre elas, auxiliando-as a coordenar o seu ponto de vista com o dos outros, verbalizar sobre seus sentimentos e elaborar hipóteses para a resolução de conflitos. Tais estratégias predominam no ambiente democrático e visam a formação de personalidades autônomas.

São vários os fatores que compõem o ambiente sócio moral da aula: a linguagem que o educador utiliza para se comunicar com os alunos, as sanções presentes nas aulas, origem e elaboração das regras, os tipos de respeito entre alunos e professores, entre outros fatores. Observar estes fatores nas aulas que acompanhamos nos permitiu identificar qual tipo de ambiente prevalece e qual relação pode-se estabelecer com a formação moral de nossos alunos.

### **3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este artigo é fruto de uma pesquisa de campo, de cunho qualitativo (LÜDKE e ANDRÉ, 1986) que teve como procedimento a observação não participante. O instrumento utilizado nesta pesquisa foi um roteiro de observação semiestruturado

construído a partir do aprofundamento teórico de nossa temática e que nos permitiu registrar as ocorrências durante as aulas e, posteriormente, analisar o tipo de ambiente que prevaleceu (RICHARDSON, 1999). Este roteiro foi composto por sete itens: 1) Procedimentos adotados para resolução de conflitos interpessoais; 2) Conteúdos ensinados nas aulas assistidas; 3) Adesão às normas e regras; 4) Procedimentos de ensino adotados pelo professor; 5) Relação Professor e aluno; 6) Conflitos surgidos nas aulas; 7) Sanções.

Foram observadas 4 aulas consecutivas de Educação Física, de três professores atuantes em escolas públicas do município de Londrina - Paraná, no Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano). Cada um desses professores atendeu aos seguintes critérios: de um a quinze anos de atuação profissional em Educação Física e experiência escolar mínima de um ano no Ensino Fundamental I. Estes três professores (P1, P2 e P3), foram observados em seus ambientes de trabalho (quadra e salas) e nos seus respectivos horários de atuação.

Para nossos registros respeitamos a ordem em que foram observados, não havendo distinção de gênero e garantindo o sigilo da identidade dos mesmos. Sendo assim, as informações coletadas e analisadas foram organizadas em duas categorias temáticas: 1) Ambiente Sócio Moral Autocrático 2) Ambiente Sócio Moral Democrático. Dentro de cada categoria sistematizada, estão presentes os acontecimentos relacionados aos itens que constavam no roteiro de observação descritos anteriormente.

## **4 | APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **Ambiente Sócio Moral Autocrático**

Sabe-se que no ambiente autocrático deseja-se um bom comportamento dos alunos a partir de um controle externo que se dá geralmente por meio do autoritarismo. “Para manter a obediência, conseguir o silêncio e o bom comportamento, a professora valia-se de ameaças e sanções expiatórias, como por exemplo, deixar as crianças sem o recreio ou retirar a Educação Física” (TOGNETTA e VINHA 2011, p.15). Diariamente ouvimos discursos sobre formação autônoma e emancipatória, porém nem sempre isso acontece na prática diária das escolas, prevalecendo assim as sanções expiatórias e as regras duramente impostas por docentes que acreditam que esta prática contribua para o desenvolvimento dos alunos.

Na escola em que o P1 atuava observamos situações que, com base nessas concepções, podem interferir no desenvolvimento dos alunos e na organização do ambiente em que estão inseridos. Observamos que os procedimentos adotados pelo P1 estiveram na maior parte do tempo fundamentados em uma postura irônica. Utilizava-se de expressões como:

Para com isso, você não tem mais idade e nem eu para aguentar. Eu estou tentando falar, da licença pra mim, o tempo está passando, estão fazendo muito barulho. Será que vou ter que gritar mais alto para vocês me ouvirem? (P1).

Quando os alunos atendiam à exigência de silêncio, o professor utilizava-se desse tempo para fazer sermões para todos, inclusive para aqueles que não estiveram atrapalhando. Observamos que o conteúdo a ser ensinado era deixado de lado. No decorrer de suas aulas, realizava um pequeno número de intervenções relacionadas ao conteúdo que deveria ser estudado, havendo poucos questionamentos, permanecendo na maior parte do tempo preocupado com a organização do material e da atividade a ser realizada. Em uma das aulas, pediu para que os alunos se dividissem em duplas para realizá-la. Estes alunos não conseguiam organizar-se no local indicado, apresentavam dificuldades em antecipar suas ações (como colocar as vendas nos olhos antes de iniciarem a atividade). Quando P1 intervinha, usava expressões como:

Para, chega, por favor!! Andem logo porque temos pouco tempo de aula. Vocês ficam o tempo todo conversando enquanto eu explico, por isso não entendem. Ou ainda: Será que vocês vão fazer silêncio para eu explicar, ou vamos ter que voltar pra sala pra eu passar conteúdo no quadro? Se quiserem posso dar minha aula lá dentro, como a gente 'tava' fazendo até tempos atrás! Vocês que escolhem... (P1)

Sabemos que o silêncio é importante para que as pessoas consigam comunicar-se de forma mais adequada, mas é necessário que as crianças compreendam isso e possam, juntas com o professor, responsabilizarem-se pela organização do ambiente da aula.

As crianças se desenvolvem por meio das relações sociais estabelecidas com os outros e constroem noções de valores, respeito, igualdade e justiça. Porém essas relações, principalmente no âmbito escolar, devem ser mediadas pelo professor e terem asseguradas a sua qualidade. Em um ambiente organizado com base na coerção e no autoritarismo, a moral que prevalece é a heterônoma, pois sujeitos são regulados por uma autoridade externa e não por si mesmos. Assim, compromete-se o desenvolvimento da reciprocidade, tendo como características o egocentrismo e a submissão (obediência). A heteronomia é necessária, mas a superação dela é o que faz o sujeito desenvolver-se moralmente.

Observamos que P1 passava a maior parte do tempo chamando a atenção dos alunos sobre comportamentos tidos como “inadequados”, do que propriamente ensinando sobre o conteúdo e, em alguns momentos, houve alterações do tom de voz com os alunos. Ressaltamos que são evidentes os conhecimentos dos conteúdos específicos da Educação Física do P1. O problema é que no momento da transposição didática e da intervenção, o conteúdo a ser ensinado fica prejudicado, pois a todo momento se utiliza de subsídios (como a ironia) para se relacionar com seus alunos, quer seja nas brincadeiras e descontrações que, sem entenderem os alunos riem,

quer seja nas correções coletivas. O que está sendo enfatizado aqui é a maneira como ele organiza o ambiente de sua aula.

Durante as aulas observadas eram frequentes expressões como “Vocês só me dão trabalho! Eu ‘tô’ cansado de chamar atenção de vocês! As pessoas passam na rua e acham que eu sou louco, porque só me ouvem gritando! Não aguento mais”. (P1).

Em uma outra turma, o P1 se depara com dois alunos que, repetidas vezes, atrapalhavam a turma na realização das atividades. Ao invés de intervir diretamente na ação, ele utilizava as expressões:

Que lindo, duas criancinhas fazendo graça para chamar a atenção. Vocês que sabem, eu não preciso mais aprender, eu já estudei, me formei e ‘tô’ aqui ganhando meu dinheiro, quem precisa aprender são vocês. Eu espero vocês terminarem, não ‘tô’ com pressa! (P1)

Sabemos dos inúmeros problemas que as escolas e os professores têm enfrentado com relação a organização dos ambientes de aula. Portanto, percebe-se nessa situação específica, o esforço do professor em garantir a organização para que a aula aconteça da melhor maneira possível. Sobre essas relações De Vries e Zan (1998, p. 194) consideram que “O desafio de socializar crianças é descobrir como ajudá-las a controlar seus impulsos, pensar além do aqui e agora e tornarem-se capazes de refletir sobre as consequências de suas ações”. Desta forma, a maneira como o professor faz a mediação das relações, dos conflitos e problemas, é o que vai caracterizar o ambiente de suas aulas. Se posicionar-se de modo autoritário, conseqüentemente a moral que prevalecerá será heterônoma, resultante das relações de respeito unilateral e submissão (VINHA 2003).

A moral não é dada, mas sim construída por meio das relações sociais estabelecidas. Quando essas relações são mediadas de uma maneira que contribua para o desenvolvimento dos sujeitos, a superação dessa heteronomia é garantida. Pensar e repensar as práticas pedagógicas que norteiam as ações diárias dos professores, é o primeiro passo para uma formação emancipatória e crítica. Muitas pessoas discursam sobre “as questões morais não serem de responsabilidade do professor de Educação Física”. Se é verdade que outros fatores exteriores ao ambiente escolar podem prejudicar ou contribuir para esse desenvolvimento, também é certo que a escola e seus professores podem oferecer outras oportunidades para os alunos para que reconheçam diferentes formas de se relacionar e aprender e isso é tarefa não só da disciplina de Educação Física, mas da escola como um todo.

### **Ambiente Sócio Moral Democrático**

Para que um ambiente sócio moral seja apropriado ao desenvolvimento humano, é necessário considerar os alunos como sujeitos do seu próprio desenvolvimento, “garantindo-lhes espaço em que exercitem e experienciem situações de cooperação

entre eles e que igualmente percebam as situações de não cooperação e suas consequências. (MONTROYA; FRANÇA; BATAGLIA, 2016, p. 65). Vimos anteriormente que em um ambiente democrático a criança faz parte do processo de elaboração e construção das regras, relacionando-se a partir da reciprocidade e do respeito mútuo, prevalecendo assim uma moral autônoma. “É importante não confundir autonomia com individualismo ou liberdade para fazer o que bem entender, pois na autonomia é preciso coordenar os diferentes fatores relevantes para decidir agir da melhor maneira para todos os envolvidos”. (VINHA; TOGNETTA, 2009, p. 528). Assim, ao invés de obedecer as regras por medo de futuras punições, eles se autorregulam e cooperam para um bom andamento da aula. “Cada regra, quer seja imposta sobre a criança mais jovem por aquela mais velha, quer sobre a criança pelo adulto, começa sendo algo externo à mente, antes de ser realmente interiorizada” (PIAGET, 1932/1965, p. 185).

Em nossa pesquisa entre os professores P2 e P3, observamos que o P3 dividia as tarefas do dia. Sorteava dois ajudantes na lista presa à parede, que seriam responsáveis por auxiliá-lo durante a aula. Esses ajudantes eram responsáveis por entregar e recolher os cadernos (quando a aula era em sala), organizar as equipes quando as aulas eram realizadas na quadra, ajudar a separar os materiais necessários para as atividades, organizar o restante da turma para irem para a quadra, entre outras funções. Quando alguns alunos se dispersavam na correção das atividades, P3 utilizava-se de expressões como:

Você está conversando muito. Está conseguindo acompanhar a correção? Se estiver, tudo bem! Do contrário se concentre, depois você conversa. **Ou ainda** “Porque ouço tanto você conversar? Você já se organizou com sua atividade? Os meninos aqui reclamaram que não conseguem se concentrar porque você está falando muito alto... como podemos fazer para não atrapalhar os colegas? (P3).

Notamos também que os alunos eram sempre muito bem organizados. Não respondiam uns aos outros de maneira ríspida, muito menos ao professor. Quando algum aluno tinha alguma dúvida, todos ouviam com atenção para tentarem auxiliá-lo na resposta e, sempre que necessário, P3 respondia às perguntas e fazia outras, para que os alunos pudessem refletir constantemente. Em uma aula sobre o conteúdo organização espaço-temporal para o 3º ano, os alunos estavam fazendo a correção da atividade da aula anterior, que foi de conhecer os espaços da escola e construir uma planta da mesma. Identificando que alguns alunos sentiam dificuldades para concluir a atividade, P3 iniciou uma revisão e correção do conteúdo com a turma toda. Uma das alunas perguntou:

Professor(a), eu preciso mesmo escrever “dentro e fora” no meu desenho? **Respondendo, ele(a) diz:** Se você não escrever, vai conseguir se localizar no seu desenho? Tudo que você sinalizar, poderá te ajudar a entender depois, não é? Então pense se é necessário e decida. (P3). Outro aluno ainda acrescenta: Professor(a), posso desenhar pessoas na minha folha? (Estavam desenhando a

planta da escola). **Respondendo, ele diz:** Pode, mas lembrem-se que estudamos proporção de tamanho na aula passada. As pessoas são maiores que as árvores que temos na escola? São maiores que as carteiras da nossa sala? Pensem... Então concentrem-se! (P3)

Fazer com que o aluno seja sujeito de si e que, por meio das mediações e intervenções, possa se autorregular é o que caracteriza, dentre outros fatores, um ambiente democrático. Neste ambiente apresentado acima P3 faz o papel de interlocutor e/ou mediador, mostrando os caminhos e intervindo nas ações e relações cotidianas que são estabelecidas. Importante destacar que ele retoma questões fundamentais a serem pensadas pelas crianças, mas a decisão é delas. Desta forma, são as próprias crianças que vão regular suas ações para darem conta, parcialmente ou totalmente, das questões apontadas pelo professor; não é ele quem faz a opção, mas sim as crianças, por meio da reapresentação constante do professor. Desta forma, toda a intervenção do professor tinha como norte os seus objetivos educacionais.

Na escola em que o P2 atua, não é muito diferente. Os alunos vão para a quadra de maneira organizada, (caminhando pelo corredor até chegarem na quadra) sentam-se em círculo e aguardam a professora no lugar; sem correrias e sem nenhum comando do professor. Um dos alunos nos relatou informalmente que esse era um "combinado" feito entre a turma e o professor no início do ano, para "aproveitarem mais o tempo da aula". Na recapitulação dos conteúdos, um aluno começa a falar alto o que prejudica a turma. Rapidamente o P2 intervêm "Por favor, eu estou pedindo respeito para o nosso colega falar, o que combinamos?"

No momento dessa intervenção, os alunos estavam sentados em círculo, acompanhando a explicação e recapitulação feita pela professora. Quando esse aluno começa a falar alto, prejudicando a turma, educadamente a professora o relembra do que combinaram no início do ano.

Ao observarmos esses dois professores (P2 e P3), identificamos também que a linguagem que predominou foi a linguagem descritiva, pois comunicavam-se com os alunos sem emissão de julgamentos pessoais. Nem sempre o que falamos é o que as pessoas compreendem. Quando o educador se utiliza de uma linguagem que não julgue, humilhe ou exponha seus alunos, está contribuindo para que eles se desenvolvam e passem a olhar para si de forma mais respeitosa. Então, quando os alunos são ouvidos e a ação do professor os auxilia a comunicar seus sentimentos e suas emoções, a qualidade das relações melhora e contribui para o desenvolvimento moral desses alunos. Expressões como "Por favor", "com licença", "concentre-se", "todos estão juntos comigo na correção do trabalho?" "Você já se organizou com a sua atividade?", eram constantes nas aulas do P2 e P3, mas em nenhum momento expunham os alunos. "A correção útil é a direção. Ela descreve processos. Não julga produtos ou pessoas". (GINOTT, 1973 apud WREGE et al, 2014, p. 126).

Diante do exposto, a linguagem utilizada na escola no processo comunicativo precisa ser repensada; precisamos compreender que, o que e como os professores

falam é muito importante para os alunos, pois eles os consideram como referências para além dos muros da escola. (WREGE et al. 2014).

## 5 | CONCLUSÕES

Muitas são as dificuldades diárias que os professores encontram na escola como a falta de respeito, manifestações de incivilidade, conflitos interpessoais e tantas outras ocorrências que acabam por colocar as aulas e até mesmo as escolas em um ambiente caótico. Reconhecemos que o ambiente da escola e da sala de aula influencia no processo de ensino e de aprendizagem. Portanto, ações como o silêncio e o respeito entre as pessoas, por exemplo, precisam ser compreendidos como valiosos para o cotidiano escolar.

Nas aulas observadas encontramos características que hora correspondem ao ambiente autocrático, hora ao democrático. Dentre tantos outros fatores, o que fica evidente e pode ser considerado como determinante para a caracterização desses ambientes, é a linguagem do educador, pois é por meio dela que as relações sociais se concretizam. Enquanto em uma escola observada o educador, na maior parte do tempo, fazia uso de um tom de voz ameaçador, irônico e autoritário, em outra as relações foram pautadas no respeito mútuo, na linguagem descritiva e em tons de voz que faziam com que os alunos se sentissem acolhidos, respeitados e encorajados a refletirem sobre suas próprias ações. Estratégias como essa auxiliam as crianças a compreenderem os mecanismos de funcionamento que predominam nas relações sociais e a tomarem consciência de seus atos e, sobretudo, as consequências.

Concluimos então que há uma relação direta na forma de organizar o ambiente de aprendizagem e o desenvolvimento moral dos alunos. Nas aulas de Educação Física observamos que, algumas vezes, prevaleceram posturas que apontavam para a moralidade heterônoma, fazendo com que os alunos permanecessem com comportamentos de dependência, evitando determinadas ações para agradar ao professor e evitar castigos, sanções e perdas de algo que eles gostavam (como a aula de Educação Física), e isso não significa necessariamente que eles tenham compreendido as ocorrências. Um aluno que se sente o tempo todo coagido, ameaçado e que não compreende as regras que são estabelecidas, de fato será controlado por outras pessoas e, desta forma, não podemos considerar esse ambiente democrático, tampouco propício para seu desenvolvimento. Por outro lado, dois professores propiciaram em seus ambientes de aula, ações e intervenções que visavam a cooperação, dividindo funções, elaborando juntamente com os alunos as regras, a organização das aulas e tratando uns aos outros a partir do respeito mútuo. Nestes ambientes, fica claro que o objetivo final destes professores é formar sujeitos de si, capazes de viver em grupo de maneira cooperativa e organizada, que vivam em sociedade compreendendo princípios de respeito, solidariedade e justiça. Se a

escola, pretende efetivamente traçar um caminho para se aproximar de uma formação autônoma e emancipatória, ela precisa priorizar o processo de compreensão dos sujeitos. Desta forma, a Educação Física, como qualquer outro componente curricular, deve fazer parte deste processo de construção e compreensão, contribuindo, de fato, para a humanização dos sujeitos que constroem a escola diariamente, estabelecendo relações mais respeitadas, a fim de almejarem uma sociedade melhor.

## REFERÊNCIAS

- DE VRIES, R e ZAN, B. **A Ética na Educação Infantil**: um ambiente sócio moral na escola. Porto Alegre: Artmed, 1998
- FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação** – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- KOHLBERG, L. e alii. Desenvolvimento como Meta da Educação, Harvard Educational Review, nº 424, nov., 1972, p. 449-496.
- LA TAILLE, Y. de. **Moral e ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- \_\_\_\_\_. Moral e Ética: uma leitura psicológica. **Revista online SciELO**. São Paulo. 2010 – disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722010000500009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000500009) Acesso em 25 de novembro.
- LIBÂNIO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MONTOYA, A. O. D; FRANÇA, C. A. P. R; BATAGLIA, P. U. R. **Abrigo ou Casa?** Desenvolvimento moral de crianças e adolescentes abrigados. Marília: Cultura Acadêmica Editora, 2016.
- MORAIS. R. **O que é ensinar**. São Paulo: EPU, 1986.
- PIAGET, J. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo; Summus, 1994 (1932).
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2008.
- SALADINI, A. C. **A educação física e a tomada de consciência da ação motora da criança**. 2006. 224 fls. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.
- TOGNETTA, L.R.P e VINHA, T. P. **Quando a escola é democrática**, Campinas: Editora Mercado de Letras, 2011.
- VINHA, T. P. **Os conflitos interpessoais na relação educativa**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- VINHA, T. P e TOGNETTA, L.R.P. CONSTRUINDO A AUTONOMIA MORAL NA ESCOLA: os conflitos interpessoais e a aprendizagem dos valores. **Revista Diálogo Educacional**., Curitiba, v. 9, n. 28, p. 525-540, 2009.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre as regras existentes nas classes democráticas e autocráticas. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Vol. 10 nº1 – jan/abr 2006, p.45-55.
- WREGGE, M. G et al. A Linguagem do educador e a Autonomia Moral. **Schème. Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, Marília, SP, v 6. n 2. , Ago-Dez 2014. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/scheme>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Rui Maia Diamantino** - É graduado em Processamento de Dados pela Universidade Federal da Bahia (1979) e em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (2007). Tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Arquitetura de Sistemas de Computação. Tem formação e experiência em teoria e clínica psicanalíticas. Exerce atividade clínica como psicólogo. É especialista em Teoria Psicanalítica, mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (2010), área de concentração - Psicologia Social e do Trabalho, linha de pesquisa - Cognição e Representações Sociais orientado pelo Prof. Dr. Marcus Vinícius de Oliveira Silva, doutor em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (2014), área de concentração - Psicologia Social e do Trabalho, linha de pesquisa - Indivíduo e Trabalho: Processos Micro-organizacionais, sob a orientação da Profa. Dra. Sonia Maria Guedes Gondim. É Professor Assistente da Universidade Salvador - UNIFACS, onde leciona disciplinas da graduação, desenvolve atividades de pesquisa e extensão universitárias e participa do Colegiado de Curso do Curso de Psicologia. Ensina a disciplina de Psicopatologia da Psicologia do Trânsito na pós-graduação *latu sensu* de Psicologia do Trânsito na FTC, Salvador, Bahia. Integra o núcleo docente estruturante (NDE) do curso de Psicologia da Faculdade Santa Casa, também em Salvador, Bahia. Tem artigos publicados em periódicos e capítulos de livros sobre clínica psicanalítica, psicologia organizacional, envelhecimento e psicossociologia.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ambientes sócio-morais 75, 76

Auto-estima 109

Avaliação psicológica 87, 88, 94, 96, 100, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109

### B

Brincar na primeira infância 60

### C

Cambio conceptual 14, 17, 18, 27

Cambio representacional 14, 17, 19, 20, 27

### D

Dasein 43, 45

Desenvolvimento do brincar 60

Diagnóstico organizacional 48, 49, 50, 53, 54, 57

### E

Epistemologia genética 1, 2, 3

### F

Finitude da morte 29

### I

Infinito matemático 1, 2, 3, 9, 12

### M

Martin Heidegger 33, 36, 37, 38, 42, 45, 46

Método clínico piagetiano 1, 4

### P

Peripatetic group therapy 136, 138

Psicologia fenomenológico-hermenêutica 36, 42

Psicologia hospitalar 110, 119, 122

### R

Re-estructuración representativa 14, 15

### S

Saúde mental no trabalho 47

### T

Therapeutic Accompaniment 136, 137, 138

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-732-1



9 788572 477321